O ENGAJAMENTO POÉTICO DE DRUMMOND EM *A ROSA DO POVO*: UMA ANÁLISE DO OLHAR DO POETA SOBRE O OUTRO[1]

Marilda Aguiar do Carmo[2]

Resumo: Esse artigo consiste em uma análise do engajamento poético de Carlos Drummond de Andrade em *A rosa do povo* (1945). O objetivo é mostrar como o poeta esteve comprometido com as causas sociais e políticas da época, apresentando seu olhar sobre o outro e, evidenciando os problemas sociais e políticos do período que vinham influenciando o poeta desde *Sentimento do mundo* (1940). Para fundamentar este trabalho, utilizou-se a teoria sociológica que analisa a relação entre literatura e sociedade, além de teses de críticos literários que defendem a ligação entre poesia e sociedade. O recurso metodológico empregado na pesquisa foi, primeiramente, bibliográfico e, através de análises de poemas, procurou-se demonstrar a participação de Drummond em causas sociais e políticas. Concluí-se que o engajamento poético em *A rosa do povo* é decorrente da situação histórica vivida pelo país na década de 1930 e da necessidade do poeta em expressar sua realidade social.

Palavras-chave: realidade social, Drummond, engajamento poético.

Abstract: This article analyzes Carlos Drummond de Andrade's poetic engagement in the work *A rosa do povo* (1945). The objective is to show how the poet was committed to the time's social and political causes, presenting his glance on the other, and evidencing the social and political problems of the period that influenced his poetic engagement since *Sentimento do mundo* (1940). This article is based on the sociological theory that analyzes the relationship between literature and society, and also theories of literary critics who defend the connection between poetry and society. The methodology used in the research was bibliographical, and through analyses of poems we try to demonstrate Drummond's participation in social and political causes. It is concluded that the poetic engagement in *Sentimento do mundo* is due to the historical situation happening in Brazil during 1930s and to the poet's need for expressing his social reality.

Key-words: social reality, Drummond, poetic engagement.

1. Introdução

O presente trabalho analisa o engajamento poético de Carlos Drummond de Andrade em *A rosa do povo* (1945), apresentando o olhar do poeta sobre o outro, temática já trabalhada na obra anterior *Sentimento do mundo* (1940). O termo "outro" condiz com a

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação do professor Dr. Marcos Vinícius Scheffel, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Elis Regina, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Línguas e Literatura Portuguesa e Língua Literatura Inglesa, do IEAA/ UFAM.

ideia da “otredad” apresentada por Octavio Paz (2009), para quem a função da poesia é a busca da outridade, isto é, o poeta reconhecendo-se no outro. Drummond revela nessas obras uma participação poética em causas sociais e políticas que ganham maior repercussão em *A rosa do povo*.

Embasado na teoria literária sociológica que analisa a relação entre literatura e sociedade e em teses de críticos literários que defendem o ligamento entre poesia e sociedade, mostramos o engajamento poético de Drummond e o olhar desse poeta sobre o outro através de análises de versos poéticos que evidenciam o envolvimento nas causas sociais e políticas da época. Drummond apresenta em *A rosa do povo*, escrita na segunda fase do modernismo, um engajamento social. A causa poética da obra é decorrente da situação vivida pelo país na época: o caos da Segunda Guerra Mundial e o sofrimento vivido no Brasil com a ditadura de Getúlio Vargas.

Mas a participação poética e social de Drummond não surge com *A rosa do povo*, mas inicia-se em *Sentimento do mundo*, na qual é possível notar um poeta que sofre com sua dura realidade. Nesta época, a vida humana já não era tão importante e valorizada, a censura era um fator evidente no governo de Getúlio Vargas e os escritores, comprometidos em reverter esse triste quadro social, se sentiam obrigados a manifestarem suas inquietações e insatisfações diante de um mundo horrendo, marcado por sofrimentos, perdas e angústias.

Este trabalho realizou uma pesquisa bibliográfica, refletindo sobre textos de críticos literários como Antonio Candido em “A literatura e a vida social”, “Estímulos da criação literária”, “O escritor e o público” e “Revolução de 1930 e a Cultura” que compõem o livro *Literatura e Sociedade* (2006); e Octavio Paz com o texto: “Os Signos em Rotação” (2009), além de outros autores, a fim de fundamentar teoricamente o presente artigo. Segundo esses críticos, a poesia sempre esteve vinculada à sociedade, por isso serão utilizados versos poéticos para comprovar o engajamento poético de Carlos Drummond de Andrade em *A rosa do povo*.

2. Fundamentação teórica

A literatura sempre representou, tanto na poesia quanto na prosa, a condição social vivida pelo homem em diferentes contextos históricos, desde os grupos primitivos até os atuais. De acordo com a crítica sociológica, o trabalho literário com fatos ocorridos

na sociedade é algo muito antigo, pois desde as sociedades primitivas o autor tenta representar sua realidade social através das criações literárias, conforme afirma o crítico literário Antonio Candido no texto “Estímulos da Criação Literária”:

> naquelas sociedades o sentimento estético pode ser determinado por fatores diferentes dos que o condicionam entre nós, ligando-se estreitamente aos meios de vida, à organização social, e representando uma nítida sublimação de normas, valores e tradição. (2006, p. 65).

Com a modernização da sociedade, a literatura vai ganhando novo foco e “dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo” (CANDIDO, 2006, p. 29), pois sabemos que a literatura não é um simples reflexo da realidade, é algo profundo que exige a sensibilidade do autor, pois a sociedade aparece principalmente na poesia, como material ou inspiração poética, tanto em forma de exaltação como de denúncia social.

Para Octavio Paz, no texto “Os Signos em Rotação”, “não há poesia sem sociedade, mas a maneira de ser social da poesia é contraditória e não há sociedade sem poesia, mas a sociedade não pode realizar-se nunca como poesia, nunca é poética” (2009, p. 96). Dessa forma, a poesia está diretamente ligada à sociedade, uma vez que a poesia depende da sociedade para se concretizar e da mesma maneira a sociedade necessita da poesia para se reconhecer.

Diante da relação estabelecida entre sociedade e poesia, muitos autores sentem a necessidade de se engajar em determinadas causas em prol de um grupo humano ou de toda a sociedade, sendo uma maneira de reflexão sobre os problemas vividos em certos períodos históricos. Segundo Paz,

> a linguagem que alimenta o poema não é, no fim de contas, senão história, nome disso ou daquilo, referência e significação que alude a um mundo histórico fechado e cujo sentido se esgota com o de seu personagem central: um homem ou um grupo de homens. (2009, p. 52).

De acordo com Joseana Paganini, o engajamento poético é:

> comprometimento com as questões políticas e sociais de um determinado período histórico, revelam uma problematização mais ampla da realidade a partir do questionamento dos próprios meios poéticos de expressão. Um engajamento expresso, ao mesmo tempo e de modo inseparável, no conteúdo e na forma. (2000, p. 3).

Logo, o engajamento poético consiste no compromisso do poeta com uma causa política ou social através de um trabalho com a linguagem, sendo uma linguagem especial ao falar dos problemas vividos pela sociedade em diferentes momentos históricos. Deste modo, o engajamento poético se funda no conteúdo e na forma do poema. Ao poeta, resta um duplo compromisso, primeiro com a linguagem poética, devendo selecionar cuidadosamente as palavras e depois, o comprometimento com as causas sociais e políticas.

Francisco Achcar fala sobre esse duplo compromisso com o fazer poético ao afirmar que:

> fazer poesia é empenhar a vida na luta com as palavras, da depuração das palavras, na construção de objetos de palavras; de outro lado, participar da luta social, voltar-se a impulsos humanizar-se com as vítimas, é entregar-se a impulsos humanitários, ou seja, a boas intenções. (1993, p.17).

O poeta ou escritor, antes de ser um teórico na arte de criar, é um ser humano que vive em uma sociedade com graves problemas e, considerando que poesia e sociedade estão ligadas, é difícil não notar críticas a realidade social em muitas poesias de diferentes períodos históricos. Segundo Candido, essa preocupação com a realidade social acontece exatamente porque "o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade [...], mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional." (2006, p.83-84).

Ao poeta, é atribuído o papel de representar uma sociedade, exercendo uma função em benefício do seu semelhante, expressando a ideia da "otredad", termo cunhado por Paz (2009, p.101), para quem a função da poesia é a busca da outridade, ou seja, o poeta se descobre no outro e passa a defender as causas dessa classe social. Para esse teórico, a poética é compreendida como a experiência de outridade:

> É verdade que, se há de surgir um novo pensamento revolucionário, terá que absorver duas tradições desdenhadas por Marx e seus herdeiros: a libertária e a poética, entendida essa última como experiência de otredad (PAZ, 2009, p. 101).

O termo "outridade", no espanhol "otredad", significa ver-se no outro, interdepender do outro e condiz com a palavra "alteridade": "reconhecimento da experiência do outro ou de outra personalidade (CEGALLA, 2008, p. 53). Essa experiência

dos poetas em se reconhecerem nos demais membros da sociedade é algo recorrente na poesia devido o poeta desenvolver um papel social, conforme afirma Antonio Candido em citação anterior. Em função dessa atribuição, o poeta se identifica com as causas sociais defendidas pela população ou por uma parte dela. É importante ressaltar que, em determinados períodos históricos, os escritores, poetas e artistas têm que optar por um lado ou outro, esquerda ou direita, nazismo ou fascismo, comunismo ou socialismo, sendo essa escolha refletida nas obras.

A partir do conhecimento do termo engajamento - participação ativa em uma causa - e considerando o pensamento do teórico Octavio Paz quando diz que a função da poesia é a busca da "outridade" (reconhecimento no semelhante) é possível analisar "engajamento poético" como uma preocupação com o próximo ou um olhar do poeta sobre o outro. Para Francisco Achcar, "a poesia é um jogo com a linguagem e a vida" (1993, p.17), isto é, a vida humana ligada a um modo de fazer poético. Então a participação do poeta com a realidade social condiz com a sua preocupação em favor do semelhante ou o reconhecimento de si no outro, nas causas e conflitos vividos pelo próximo.

Antonio Candido, no texto "Revolução de 1930 e a Cultura", apontou um profundo engajamento tanto dos autores quanto dos artistas brasileiros da segunda fase do Modernismo. Segundo Candido,

> Os anos de 1930 foram de engajamento político, religioso, e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência dos fatos, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica. (2006, p. 220).

Essa importante fase de engajamento ocorreu em consequência do período histórico vivido pela sociedade brasileira e mundial, que enfrentavam conflitos e mudanças significativas no contexto social e cultural. Vejamos agora o que favoreceu esse engajamento poético de Drummond e de outros intelectuais em causas sociais e políticas na década de 1930.

3. Contexto histórico e cultural da década de 1930

Ao analisar o engajamento poético de Drummond em *A rosa do povo*, publicada em 1945, é necessário fazer um panorama histórico e cultural para compreender

a participação desse poeta nas causas sociais e políticas que manifesta nessa obra. Drummond é um autor ligado a vertente literária modernista que sucedeu o Parnasianismo no início do século XX.

O Modernismo foi o movimento literário mais abrangente na literatura brasileira, sendo subdividido em três fases distintas: a primeira, de 1922 até 1930, estava preocupada com propostas diferentes quanto à nova literatura, abordando um tom irreverente e polêmico; a segunda, de 1930 até 1945, desenvolveu de maneira completa suas propensões, abordando várias temáticas; a terceira fase ou pós-modernismo inicia-se a partir de 1945, com o desejo de devolver o rigor formal à poesia. Neste trabalho, enfatiza-se a segunda fase do movimento modernista e alguns aspectos característicos da primeira fase.

A segunda fase modernista representa, no plano cultural, o período de estabilização das conquistas adquiridas na primeira fase, apresentando uma ampliação das temáticas constituídas de tendência universal: social, religiosa, amorosa e, espiritualista. Candido afirma no texto "A Revolução de 30 e a Cultura", que "houve nos anos 1930 uma espécie de convívio íntimo entre literatura e as ideologias políticas e religiosas" (2006, p. 227), ou seja, a literatura esteve atrelada aos movimentos sociais da época.

A década de 1930 é iniciada no Brasil com a Revolução de Outubro que leva Getúlio Vargas ao poder, ocasionando o começo de um conturbado período histórico. No ano seguinte, os trabalhadores insatisfeitos com a atual situação do país tentam realizar a marcha da fome, mas são impedidos pela polícia. Em 1932, eclode em São Paulo o Movimento Constitucionalista, que buscava o retorno do regime de governo representativo, sendo este movimento subjugado e derrotado meses depois, mas, apesar da derrota, o ideário Constituinte prevaleceu. A nova Constituição (1934) – a segunda de nossa história– apresentou, como principais inovações, a Legislação Trabalhista, o voto feminino e o voto direto para os cargos governamentais.

No entanto, em 1934, Vargas é eleito pelo Congresso para governar até 1938, período em que começam graves conflitos sociais oriundos do acirramento do choque entre ideologias européias: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e liberalismo. Conforme afirma João Luiz Lafetá:

> O decênio de 1930 é marcado, no mundo inteiro, por um recrudescimento da luta ideológica: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e liberalismo medem suas forças em disputa ativa: os imperialismos se expandem, o capitalismo monopolista se consolida e, em contrapartida, as

> Frentes Populares se organizam para enfrentá-lo. No Brasil é a fase de crescimento do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora, da Ação Integralista, de Getúlio e seu populismo trabalhista. (2004, p. 63)

O progresso no país era evidente, mas a organização da Aliança Nacional Libertadora tinha ideologias não aceitas pela Ação Integralista o que ocasionou confrontos violentos entre essas duas frentes populares. O governo de Vargas era contra os objetivos da Aliança Nacional Libertadora e passou a censurar e reprimir qualquer tipo de apoio as ideias da ANL.

Em 1937, apoiado pelos militares, Getúlio Vargas dá um golpe e estabelece o Estado Novo, período em que o Brasil viveria sobre a ditadura da era Vargas e passaria por súbita transformação econômica: da agricultura para a industrialização. Com esses acontecimentos, a população vive uma verdadeira luta em todas as esferas, conforme declara Lafetá, "A consciência da luta de classes, embora de forma confusa, penetra em todos os lugares – na literatura inclusive, e com uma profundidade que vai causar transformações importantes" (2004, p. 63). Essas transformações importantes no campo literário refletem a relevância que teve o Modernismo brasileiro, movimento relacionado a lutas estéticas e ideológicas que revolucionaram o país, trazendo mudanças significativas tanto para a sociedade quanto para literatura.

Quando é declara a Segunda Guerra Mundial, em 1941, o governo de Vargas, posicionando-se contra a Alemanha, manifesta apoio aos países americanos, ingleses e franceses. Em 1943, quando o país começa a enviar soldados brasileiros para lutarem em favor dos americanos, surge a seguinte questão entre os intelectuais e artistas: o Brasil, país altamente ditatorial, enviava para a guerra homens para lutar contra ditaduras. Então oposição, intelectuais, artistas e estudantes começaram uma série de manifestações contra Vargas, que renunciou ao governo em 1945, com o fim da guerra.

Esse período histórico brasileiro, de 1930 a 1945, rendeu à segunda fase modernista uma visão mais próxima da realidade social, pois, diferente da primeira fase modernista, que estava mais preocupada com a renovação e modernização nacional da literatura, a segunda fase volta-se para a busca de uma mudança na sociedade, causa abraçada pelos principais representantes desse período literário, dentre eles Carlos Drummond de Andrade. De acordo com Lafetá, "não se trata mais, nesse instante, de 'ajustar' o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformar ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente [...]" (2004, p. 65). Essas

mudanças são notadas nas obras escritas nesses anos, em que muitas apresentam cifras e códigos decorrentes da repressão sofrida na era Vargas.

É interessante notar que o percurso histórico do Brasil contribuiu significativamente para dar outro direcionamento, na segunda fase modernista, ao propósito ideológico e estético difundido na primeira fase. Segundo Lafetá, na primeira fase modernista, predominou o plano estético: discussões acerca das características desse novo movimento literário e a linguagem adotada; já na segunda fase, em decorrência da situação enfrentada pelo país, predominou o plano ideológico: discussões sobre a literatura e sua função social, ressaltando que a finalidade estética modernista na primeira fase era a renovação literária e a finalidade ideológica era a busca pelo nacionalismo.

Na segunda fase modernista, não houve mudança no plano estético da poesia, pois os poetas continuaram fazendo uso dos versos livres, de uma nova linguagem poética e da liberdade de expressão, porém o plano expressivo estava voltado à realidade social. Esses poetas, como Oswald de Andrade e Murilo Mendes, definiam suas posições sociais (esquerda ou direita) e se engajavam nas causas defendidas pelo seu grupo. Drummond sintetiza em dois versos do poema "Nosso tempo", de *A rosa do povo*, o contexto histórico da época: "Este é tempo de partido, tempo de homens partidos." (DRUMMOND, 2009, p.38). Segundo o poeta, a população brasileira estava dividida em partidos políticos e frentes populares que lutavam por ideologias diferentes.

No campo literário, é possível notar um amadurecimento do movimento modernista a partir da década de 30, quando os escritores dessa fase já não estavam tão preocupados em chocar os tradicionalistas, objetivo defendido pela primeira fase modernista, mas em denunciar uma realidade social que surgiu com a Revolução de 1930. A poesia e a prosa se desenvolveram vinculadas às transformações revolucionárias da sociedade, assim apresentam temáticas do cotidiano humano: repressão, guerra, censura, morte, medo e, política. Na prosa, surge, principalmente, o romance social que caracterizou fortemente a segunda fase modernista, retratando a realidade vivida em determinadas regiões do Brasil, como o Nordeste que padecia com as secas.

Assim, o avanço no campo cultural foi significativo, houve o predomínio de uma literatura verdadeiramente brasileira, pois ocorre uma difusão de editoras e a concretização do "desejo de nacionalizar o livro e torná-lo um instrumento da cultura mais viva do país." (CANDIDO, 2006, p. 232). Com as obras nacionais, muitas pessoas passaram a ter conhecimento da realidade social brasileira e adquiriram uma consciência

mais crítica diante dos problemas da época, embora a maioria da população - o proletariado - desconhecesse a transformação cultural pela qual o país estava passando.

O mesmo espírito revolucionário dos intelectuais e artistas para renovar a arte brasileira na Semana de 1922 é notado nas lutas contra a repressão do governo Vargas. Muitos representantes da segunda fase modernista denunciam em suas obras os conflitos sociais vividos no Brasil durante a era Vargas e a Segunda Guerra Mundial, e, até se posicionam nas frentes populares (esquerda e direita) para revelar os graves acontecimentos sociais e a insatisfação da população. Dentre os representantes de esquerda estão Graciliano Ramos, Jorge Amado, Dionélio Machado, por exemplo que manifestam nas obras o descontentamento com a realidade social daqueles anos.

A mudança de foco do Modernismo nas duas primeiras fases — da preocupação estética para a preocupação social ou do predomínio estético para o predomínio ideológico — divide cronologicamente o movimento em fases, da qual a segunda, por apresentar participação dos autores e artistas nas causas políticas e sociais, merece relevante destaque, pois mostra a ligação entre a obra literária e a sociedade, o escritor desempenhando o "papel social" citado na fundamentação teórica deste trabalho por Antonio Candido. Retomamos, portanto a ideia de que para compreender as obras literárias da segunda fase modernista é necessário compreender o período histórico vivido pelo Brasil e pelo mundo na década.

Logo, história e cultura aparecem muito próximas na década de 1930, a sociedade vivendo sobre a ditadura de Vargas e com o sofrimento causado pela Segunda Guerra Mundial. No aspecto cultural temos principalmente o amadurecimento do movimento modernista, que se volta principalmente para a realidade social da época, buscando participar das causas políticas e sociais, principalmente em forma de denúncia.

4. Drummond: momentos iniciais de engajamento poético

Carlos Drummond de Andrade, principal representante da segunda geração modernista, nasceu na pequena cidade mineira de Itabira, em 31 de outubro de 1902. Nono filho de um casal de fazendeiros, consagrou-se como um dos mais famosos poetas da literatura brasileira, mas também foi cronista, contista e tradutor. Drummond lançou sua primeira obra em 1930 e daí surgiram outros importantes livros, sabendo conciliar perfeitamente sua vida de escritor com a de funcionário público. Dentre suas obras,

podemos destacar *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945), considerada por muitos críticos literários como o livro mais importante do autor, pois nele estão inclusos vários poemas que revelam um engajamento poético relacionado aos problemas vividos nestes anos.

Segundo Ivan Marques (2011), Carlos Drummond de Andrade circulou entre as três fases modernistas, teve suas primeiras poesias ligadas ao ironismo, humor e extremo individualismo, mas o poeta não acreditava nem aceitava a ideologia nacionalista de Oswald de Andrade, por isso se restringia a poesias individualistas. Para Marques, a poesia de Drummond não pode ser dividida em fases como fizeram muitos críticos literários, mas em "faces", como o crítico mineiro afirma em "Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros Rapazes de Belo Horizonte":

> Em vez de uma sequência linear, o que notamos ao longo de toda a trajetória é a permanente alternância das polaridades: o sério e o intermediário, o trágico e o irônico, o individualista e o público, o urbano e o rural etc. As faces parecem insuficientes, e o poeta precisa de todas para compor sua instável fisionomia. (2011, p. 52)

Assim, "Não haveria fases, mas faces" que se caracterizam pelas "modulações específicas de cada época" (2011, p. 53). São essas faces que explicam a participação poética de Drummond em causas sociais e políticas na década de 1930 em contraste com a sua posição enquanto indivíduo integrante do governo Vargas.

O engajamento poético em Drummond não aparece subitamente em *A rosa do povo*. Na obra anterior, *Sentimento do mundo* (1940), o poeta parece anunciar, em alguns poemas, temáticas que irão compor *A rosa do povo*. O título *Sentimento do mundo* é bem significativo por tratar de sentimentos comuns na época, como medo, angústias e revoltas. Esse livro revela a visão do poeta sobre um mundo de guerras e sobre uma realidade que estava sendo vivida por todas as pessoas em todas as partes do mundo. Para Marques,

> No esforço de resolver as "contradições elementares" de sua poesia, Drummond em seu terceiro livro [Sentimento de Mundo] substituirá o individualismo exacerbado por um "eu despojado", cujo verso se mistura com o universo à sua volta, dispensando o estilo de vanguarda em favor de uma linguagem aberta e comunicativa. O gauchismo dá lugar ao engajamento. A atitude *ego contra mundum* cede passagem para o sentimento do mundo. (2011, p. 112)

Mas, apesar desse esforço, é possível perceber que o individualismo de Drummond se mantém intacto, pois é algo peculiar do poeta. Segundo Marques, o que ocorre em *Sentimento do mundo* é a manifestação de um individualismo mais simples, em que o poeta tenta se abrir para o mundo, pois já é possível constatar uma preocupação com as causas sociais e políticas da época.

Ainda de acordo com o crítico mineiro, tanto a obra *Sentimento do mundo* quanto *A rosa do povo* não apresentam um novo Drummond liberto de suas particularidades e empenhado exclusivamente na participação política e social, ao contrário, nos dois livros, nota-se um ligamento do poeta com o seu passado, o que o torna um ser de visão dupla: presente e passado estão lado a lado, principalmente em *A rosa do povo*:

> O "salto participante" – uma abertura indicada nos próprios títulos do primeiro e do terceiro livro, no contraste entre a modéstia de Alguma poesia e a expansão do Sentimento do Mundo – não tornou o poeta mais político, nem o livrou dos seus impasses e de sua solidão. [...] No livro de 1945 [A rosa do povo], o núcleo da expressão poética é a tensão entre a "viagem no mundo" (o presente, a vida coletiva, a comunicação) e a "viagem no quarto" (o passado, a contemplação, a subjetividade). (Marques, 2011, p. 113)

Os momentos iniciais de engajamento poético em Drummond surgiram a partir de um "salto participante" na tentativa de solucionaras "contradições elementares" que marcam sua poesia, porém, Mário de Andrade afirma que mesmo no "Drummond participativo" houve a permanência do gauchismo e a frustração do carnaval, ou seja, o poeta se manteve atrelado as suas inquietudes e a sua dificuldade de participar da vida social (citado em Marques, 2011, p. 114).

Em *Sentimento do mundo*, a figura do homem é recorrente, ora ele aparece como vítima da sociedade, como no poema "Mãos dadas", no qual o poeta fala de seus companheiros que, apesar de levarem uma dura vida, acreditam em dias melhores, ora como ser capaz de destruir essa sociedade como no poema "Congresso Internacional do Medo", em que o poeta relata o medo dos soldados e dos ditadores que causam mortes; essa representação do homem está ligada ao momento histórico da década, da divisão partidária e principalmente da tentativa de Drummond em participar da vida social.

Drummond manifesta em *Sentimento do mundo* uma estima pelo homem que sofre diante de governos ditatoriais e de uma cruel realidade, descrevendo esse homem como vítima da realidade social e política. Mas é a esperança e o desejo por dias melhores

dos homens sofredores que despertam um olhar compadecido do poeta. No poema “Mundo grande” alguns versos demonstram o olhar do poeta sobre os homens sofredores: “Viste as diferentes cores dos homens,/ as diferentes dores dos homens,/ sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso/ num só peito de homem...sem que ele estale.” (DRUMMOND. 1999. p.16).

Outro elemento importante a se notar em *Sentimento do mundo* é a visão de Drummond sobre a coletividade, em que o eu lírico dos poemas compartilha das causas sociais e políticas defendidas pela maioria das pessoas. Alguns poemas dessa obra falam da morte dos homens durante esses anos sombrios (“A noite dissolve os homens”), dos problemas que afligem sua sociedade: guerra, fome e discussões (“Os ombros suportam o mundo”), de uma classe inferior que sofre por falta de dinheiro e que trabalha mecanicamente em um país sem perspectivas futuras (“Elegia 1938”). No livro, o poeta revela uma face mais participativa, mas não deixa de lado seu individualismo e sua dificuldade de participar dos acontecimentos, assim é possível notar que a tensão *ego contra mundum*, descrita por Ivan Marques, é uma característica marcante em Drummond.

O poema “Congresso Internacional do Medo”, que compõe *Sentimento do mundo*, é um exemplo do clima que permeia a obra. Nele, o poeta fala do medo que sente do mundo e afirma no início do poema: “Provisoriamente não Cantaremos o amor,/ que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos./ Cantaremos o medo que esteriliza os abraços.” (DRUMMOND. 2004. p.118). Nesses versos, é possível perceber um eu lírico aterrorizado diante de sua triste realidade social. Nos versos seguintes desse poema, continua a descrição do medo das coisas e das pessoas que afligiam o poeta, até que ele diz: “cataremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas.” (DRUMMOND. 2004. p.118). — é nesse verso que aparece claramente a referência ao momento ditatorial vivido no Brasil e em outros países.

Além do poema “Congresso Internacional do Medo” se referir aos anos de repressão e ditadura no país e ao tormento vivido por todo o mundo com os conflitos internacionais que dariam início a Segunda Guerra Mundial, o texto expressa também a participação de Drummond na causa social, pois, no poema, o verbo “cantar” está em primeira pessoa do plural, assim, o poeta canta um sentimento que não é só dele, mas de todos. Drummond revela uma realidade que é enfrentada pelo mundo, um sentimento que povoa todos os seres humanos — o medo.

Outro importante poema de *Sentimento do mundo* que demonstra o engajamento poético de Drummond e a visão desse poeta sobre o semelhante é “Mãos

dadas". O poema anuncia a temática social que será enfatizada em *A rosa do povo* e apresenta a experiência de *outridade* do poeta, ser que compartilha dos mesmos problemas de sua classe. No poema, é possível perceber que o olhar de Drummond está voltado para seus semelhantes, o autor usa da sua posição de poeta para lutar contra a desesperança de um mundo conflituoso, fazendo isso através de suas palavras que expressam o desejo por um mundo melhor. Esse poema mostra o engajamento com a causa política e seu título, "Mãos dadas", remete à união das pessoas, pois somente unidas poderiam vencer as arbitrariedades cometidas pelos ditadores na época.

O poema "Mãos dadas" descreve o comprometimento do poeta com sua sociedade e com o próximo, há nele o reconhecimento no outro e a participação na causa política e social. No primeiro verso: "Não serei o poeta de um mundo caduco./", o poeta afirma que não se prenderá ao passado nem ao futuro: "Também não cantarei o futuro./", mas sua preocupação é com o ser humano, com o semelhante: "Estou preso à vida e olho meus companheiros./", que apesar de calados e insatisfeitos mostram-se esperançosos por dias melhores: "Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças./". O poeta afirma que a dura realidade pode ser vista entre os insatisfeitos: "Entre eles, considero a enorme realidade./", finalizando a estrofe propondo a união dos descontentes contra aquela realidade: "O presente é tão grande, não nos afastemos./ Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas." (DRUMMOND. 2004. p.118). Uma possível interpretação para esses descontentes é que eles representariam a classe operária da época, uma classe de trabalhadores contrariada com as más condições de trabalho.

Na segunda estrofe do poema "Mãos dadas", o poeta declara que não se limitará a falar de coisas que não estejam vinculadas a sua realidade social, pois ele sente necessidade de priorizar os fatos reais da sociedade: "Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,/ não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,/". Nesses versos, o poeta afirma que não exaltará aspectos melódicos que contemplem a figura da mulher, nem falará de temáticas relacionadas à natureza e continua nas estrofes seguintes discursando sobre o que ele não incitará em suas poesias: "não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,/ não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins./", finalizando o poema com a afirmação do que é constituída a sua poesia, do material poético contemplado: a realidade social e o ser humano que padecia naqueles anos de tormento e dificuldades: "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,/ a vida presente." (DRUMMOND. 2004. p.118).

No poema “Mãos dadas”, Drummond evidencia o engajamento poético. Trata-se da participação ativa do poeta nas causas sociais e políticas da época, interessando-se pelo Outro, com o homem injustiçado que trabalha duramente e não recebe uma recompensa digna, ou seja, um salário justo. É importante ressaltar que Drummond era funcionário público, trabalhava para o governo, era chefe de gabinete do Ministro da Educação e Saúde Pública, porém nem por isso deixou de se reconhecer nas pessoas que lutavam por uma vida mais digna. Olhar lírico e engajado que se abre para experiência da *outridade*, temática que será enfatizada em *A rosa do povo*.

Além disso, o poema “Mãos dadas” pode ser entendido como uma crítica do poeta ao seu modo de fazer poesia, ele exprime o desejo de mudar, de fazer poesia voltada a sua realidade social, ou seja, de participar dos acontecimentos, porém não consegue abandonar o individualismo: o poeta deseja o presente, mas os verbos (serei, cantarei, direi, distribuirei e fugirei) estão no futuro, o que implicaria em um desejo de mudança no poeta.

Analisando o engajamento poético em Drummond, podemos classificar *Sentimento do mundo* como uma passagem para a face mais engajada de Drummond no livro *A rosa do povo*, decorrente da situação social e política agravada na década de 1940 tanto no país quanto no mundo com o início da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, *A rosa do povo* apresenta um Drummond voltado principalmente para questões de cunho social e político participando poeticamente da realidade dessas décadas.

5. Engajamento poético em *A rosa do povo*: um olhar do poeta sobre o outro

O professor Ivan Marques, estudioso de Drummond, afirma que os primeiros trabalhos do poeta mineiro revelam um artista com um olhar fragmentado sobre a sociedade, um poeta inquieto e deslocado, pois essa nova sociedade moderna destruiria suas lembranças da tradição rural mineira, fato que está relacionado à sua mudança, em 1934, de Itabira para o Rio de Janeiro. Esses trabalhos apresentam um poeta individualista que está se descobrindo no mundo e tenta participar dos acontecimentos sociais e políticos em *Sentimento do mundo*, mas é na obra posterior, *A rosa do povo*, que teremos um poeta com um olhar crítico e envolvido poeticamente com sua realidade.

Para o crítico literário Alfredo Bosi, “O Drummond ‘Poeta público’ da Rosa do Povo foi a fase intensa, mas breve, de esperança que nascera sob a Resistência do mundo livre à fúria nazi-facista, mas logo se retraiu com o advento da Guerra Fria.” (2006, p.441).

Segundo Bosi o engajamento poético de Drummond se deu pela problemática vivida pela sociedade mundial nos anos sombrios da Segunda Guerra Mundial e que terminou em seguida com a resolução dos conflitos sociais.

O título *A rosa do povo* é simbólico. Como afirma Affonso Romano de Sant'Anna: "o poeta está somando, fundindo as duas palavras, imantando uma com o sentido da outra." (2009, p. 10). Logo, o substantivo "rosa" pode ser interpretado como a esperança ou a própria poesia que fala do cotidiano das pessoas que saíam as ruas para lutar por seus direitos sendo muitas vezes presas e censuradas. Enquanto a palavra "povo" pode ser a referência ao próprio engajamento social de Drummond em sua face mais participativa, representação de um poeta voltado ao povo.

Em *A rosa do povo*, temos um engajamento poético em causas principalmente sociais, quando Drummond expressará poeticamente uma maior simpatia junto aos movimentos esquerdistas que se formavam para lutar contra a ditadura de Vargas. Nessa obra, temos um poeta consciente de seu papel social, prova disso é o poema "A flor e a náusea", nele o eu lírico expressa toda sua indignação e revolta através de intensas palavras contra sua realidade social. A crítica severa à ditadura de Getúlio Vargas, aos anos de governos opressores e à submissão pacífica da população em meio ao caos social são fatores que marcam o poema.

O título "A flor e a náusea" apresenta duas palavras contraditórias, que podem ter vários significados, inclusive de que a "flor" poderia simbolizar o ideal revolucionário, as frentes populares que estavam se organizando para lutar contra a ditadura militar de Vargas e "náusea" seria a repugnância em relação ao trágico momento vivido na época ou as pessoas que cruzavam os braços em meio a tanta opressão. No poema, temos o eu lírico preso a uma sociedade horrenda: "Preso à minha classe e a algumas roupas,/ vou de branco pela rua cinzenta./ Melancolias, mercadorias, espreitam-me./ Devo seguir até o enjôo?/ Posso, sem armas, revoltar-me?". (DRUMMOND, 2009, p.27). Nessa estrofe, o eu lírico declara sua insatisfação por pertencer a essa sociedade e afirma em seguida como é o tempo no qual está vivendo: "Não, o tempo não chegou de completa justiça./ O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações espera." (DRUMMOND, 2009, p. 27). Esse poema é constituído de críticas, principalmente à desordem que permeia o país, aos poetas que não estão engajados nessa causa social, à resignação das pessoas que não se manifestam diante dos problemas sociais e aos homens manipulados pelo governo.

As críticas em "A flor e a náusea" revelam poeticamente o envolvimento de Drummond com a problemática de sua sociedade, uma participação que se mostra mais

direta em *A rosa do povo*. No poema, o eu lírico aparece solitário e inconformado com sua realidade, mas tenta de alguma maneira transmitir esperança às pessoas que acreditam em dias melhores: “Porém meu ódio é o melhor de mim./ Com ele me salvo/ e dou a poucos uma esperança mínima.” (DRUMMOND, 2009, p. 28). Nesse poema, há a preocupação com o semelhante: o eu lírico, mesmo descontente, procura propagar esperança entre as pessoas ao falar da flor que estava nascendo.

Em *A rosa do povo*, temos a busca da outridade, o poeta se reconhece no outro, conforme o poema “O Medo”, no qual o poeta vive o mesmo sentimento que os demais homens e fala dessa sensação: “Em verdade temos medo./ Nascemos escuro./ As existências são poucas:/ Carteiro, ditador, soldado./ Nosso destino, incompleto.” (DRUMMOND, 2009, p.35). Na estrofe, é possível constatar os verbos empregados na primeira pessoa do plural (temos e nascemos) e o uso do pronome possessivo (nosso) para expressar um sentimento que aflige a coletividade. O poeta revela a sua consciência de ser integrante de uma sociedade que está vivendo graves problemas: “Somos apenas uns homens/ e a natureza traiu-nos.” (DRUMMOND, 2009, p.35). De acordo com esses versos, o homem é um ser impotente vítima da sua realidade.

Observa-se em “O Medo” uma grave denúncia social, as pessoas vivem atormentadas pelo medo que se tornou um grande problema da sociedade moderna e mecaniza a vida humana: “Assim nos criam burgueses./ Nosso caminho traçado.” (DRUMMOND, 2009, p.36). Os versos demonstram que o poeta é ciente da sua posição social, já que ele também faz parte do sistema e compartilha dos problemas que assolam a sua realidade. Além de criticar a própria modernidade, que com seus novos aparatos priva as pessoas e desperta nelas o sentimento do medo.

O poema “Nosso Tempo”, um dos mais extensos no livro, dividido em oito partes, apresenta o eu lírico comprometido com as questões políticas e sociais do seu tempo, as afirmações e os questionamentos levantados revelam os problemas da época: “É tempo de meio silêncio,/ de boca gelada e murmúrio,/ palavra indireta, aviso/ na esquina. Tempo de cinco sentidos/ num só. O espião janta conosco.” (DRUMMOND, 2009, p.41). Os versos remetem ao período histórico em que as pessoas não tinham voz, se comunicavam por códigos e eram vigiadas pelas autoridades. No entanto, o eu lírico sente a necessidade de falar sobre a problemática: “Mas eu não sou as coisas e me revolto./ Tenho palavras em mim buscando canal,/ são roucas e duras,/ irritadas, enérgicas,/ comprimidas há tanto tempo,/ perderam o sentido, apenas querem explodir.” (DRUMMOND, 2009, p.39). O eu lírico indignado com sua triste realidade almeja se

rebelar, pois as leis sociais não são suficientes para resolver a situação: “As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei./ Meu nome é tumulto, e escreve-se/ na pedra.” (DRUMMOND, 2009, p.38).

O comprometimento social do poema “Nosso Tempo” é anunciado pelo próprio título, trata-se de um período que não era vivido apenas pelo eu lírico, mas por várias pessoas. A idéia de coletividade, que remete ao social, é comum em *A rosa do povo*. Em “Nosso Tempo”, existe a alternância entre primeira pessoa do singular: “Calo-me, espero, decifro./ As coisas talvez melhorem./ São tão forte as coisas!” (DRUMMOND, 2009, p.38), e primeira pessoa do plural: “Em vão percorremos volumes,/ viajamos e nos colorimos.” (DRUMMOND, 2009, p.38), o que mostra a idéia de Ivan Marques: Drummond sente dificuldade de participar do social.

Já no poema “Carrego comigo”, o eu lírico manifesta o desejo de caminhar junto aos outros homens em defesa de dias melhores: “Vem do mar o apelo/ vêm das coisas gritos./ O mundo te chama:/ Carlos! Não respondes?/ Quero responder./ A rua infinita/ vai além do mar./ Quero caminhar.” (DRUMMOND, 2009, p.30). Mas há um empecilho que impossibilita realizar esse desejo: “Mas o embrulho pesa,/ vem a tentação/ de jogá-lo ao fundo/ da primeira vala.” (DRUMMOND, 2009, p.31). O “embrulho” é algo particular que marca a identidade do eu lírico, por isso é tão difícil se desfazer dele: “Perder-te seria/ perder-me a mim próprio./ Sou um homem livre/ mas levo uma coisa.” (DRUMMOND, 2009, p.32). No poema, o mundo clama pela participação de “Carlos” nos movimentos sociais e existe a vontade dele em se comprometer com tais causas, mas é impedido por algo interior que o priva do social.

Diferente do poema “Carrego comigo”, em que o eu lírico é impossibilitado interiormente de participar do social, o poema “Cidade prevista” exprime o desejo do poeta em ver todos os homens vivendo em paz: “Um mundo enfim ordenado,/ uma pátria sem fronteiras,/ sem leis e regulamentos.” (DRUMMOND, 2009, p.157). No poema, há a projeção de um país utópico que contrastava com a realidade, o eu lírico almeja uma sociedade perfeita, mas vive no mundo desordenado marcado pela dor.

O poema “Cidade prevista” exemplifica a idéia da alteridade, o eu lírico se preocupa com o outro: “Este país não é meu/ nem vosso ainda, poetas./ Mas ele será um dia/ o país de todo homem.” (DRUMMOND, 2009, p.157). Nesses versos, é possível perceber que o eu lírico aspira por um país livre para todos os homens e não somente para si ou para sua classe poética. A preocupação com o outro e a identificação com o

sofrimento do semelhante desperta compaixão do eu lírico que anseia por uma sociedade justa, livre das imposições sociais e da miséria.

A idéia da alteridade é encontrada também no poema “Consolo na praia”, o poeta preocupado com o outro o consola para que este não perca a esperança na vida. O poema começa pelo verbo “ir” na terceira pessoa do presente do indicativo (vamos), remetendo a afirmação de que o poeta chama os outros a caminharem com ele ou a compartilharem de suas ideologias: “Vamos, não chores.../ A infância está perdida./ A mocidade está perdida./ Mas a vida não se perdeu.” (DRUMMOND, 2009, p.127). O poeta procura confortar as outras pessoas dizendo a elas que, apesar dos anos de sofrimento e perdas, a vida continua, ainda existe esperança e motivos para prosseguirem rumo a uma sociedade democrática. Em outros versos, ele estabelece comparações de situações cotidianas da vida, na qual ocorrem perdas e passagens, mas sempre resta algo para consolo: “Perdeste o melhor amigo./ Não tentaste qualquer viajem./ Não possuis casa, navio, terra./ Mas tens um cão.” (DRUMMOND, 2009, p.127). Existe a intenção do poeta em despertar nas demais pessoas um sentimento de esperança, ao mesmo tempo em que as conforta diante da realidade social, pois o poema parece se reportar diretamente ao leitor.

Um aspecto importante a ser observado em *A rosa do povo* é o olhar do poeta para as injustiças sofridas pelos mais fracos, como aparece no poema “Morte do leiteiro” que narra um drama do cotidiano: o leiteiro ao exercer sua profissão é confundido com um ladrão, leva um tiro e morre. O poema narrativo dramático é composto por três personagens principais: o leiteiro, o assassino e o poeta que assiste e descreve os acontecimentos ao leitor. Representa a posição ocupada socialmente pelas pessoas de baixo poder aquisitivo que não têm voz nem cidadania, o poeta trata essas pessoas como irmãs, pois compartilha de suas aflições: “Bala que mata gatuno/ também serve para furtar/ a vida do nosso irmão.” (DRUMMOND, 2009, p.110).

Em “Morte do leiteiro”, um inocente morre e nada acontecerá ao assassino (dono da casa), pois ele tem sua atitude justificada: matou porque confundiu o leiteiro com um ladrão. O poeta critica as injustiças cometidas por autoridades, ditadores e pessoas de maior posição aquisitiva que não são punidas pelas arbitrariedades cometidas. No poema, é possível notar outras críticas, como o surgimento das favelas e a miséria do país: “Há pouco leite no país,/ é preciso entregá-lo cedo./ Há muita sede no país,/ é preciso entregá-lo cedo,” além da própria violência social que cresce nas cidades. Através das críticas levantadas no poema, nota-se o engajamento poético em Drummond.

Mas apesar das críticas à realidade social, o poeta manifesta ao final do poema "Morte do leiteiro" a esperança por um mundo melhor e uma sociedade mais justa: "Por entre objetos confusos,/ mal redimimos da noite,/ duas cores se procuram,/ suavemente se tocam,/ amorosamente se enlaçam,/ formando um terceiro tom/ a que chamamos de aurora." (DRUMMOND, 2009, p.110-111). Os versos parecem confortar as pessoas que vivem nas sociedades sofrendo injustiças ao declarar que a aurora chegará, ou seja, dias melhores virão. Essa ideologia do poeta em acreditar em um futuro melhor é sua única arma para despertar nas pessoas um espírito revolucionário, instigando-as a não desistirem da luta contra as opressões sociais.

Uma crítica apresentada no poema "Notícias" revela o reconhecimento do eu lírico com outras pessoas: as autoridades civis durante a Segunda Guerra Mundial enviavam friamente telegramas avisando às famílias sobre as mortes dos soldados em combate. O eu lírico manifesta apreensão com aqueles que recebiam esses telegramas trágicos: "Entre mim e os mortos há o mar/ e os telegramas./ Há anos que nenhum navio parte/ ou chega. Mas sempre os telegramas/ frios, duros, sem conforto." (DRUMMOND, 2009, p.149). Nos anos de guerra, os telegramas eram algo comum, mas o eu lírico com seu olhar compadecido receava pelos homens que os recebiam: "Na praia, e sem poder sair./ Volto, os telegramas vêm comigo./ Não se calam, a casa é pequena/ para um homem e tantas notícias." (DRUMMOND, 2009, p.149).

Além dos telegramas serem o meio utilizado pelos civis para comunicar às famílias sobre os soldados mortos, também era o meio de comunicação do grupo esquerdista, do qual Drummond manifestava simpatia: "Escuto vocês todos, irmãos sombrios./ No pão, no couro, na superfície/ macia das coisas sem raiva,/ sinto vozes amigas, recados/ furtivos, mensagem em código." (DRUMMOND, 2009, p.149). O poeta desejava viver em uma sociedade democrática, por isso muitos poemas da obra expressam insatisfação a esses anos de repressão e censura, anos sombrios que aproximavam as pessoas através de dois sentimentos: revolta e esperança.

O engajamento poético em *A rosa do povo* aparece por meio das críticas aos problemas sociais e políticos que marcaram a década de 1930. Drummond mostra ao longo da obra um compromisso poético com sua realidade social, defendendo o homem injustiçado, se compadecendo das vítimas das guerras, denunciando os problemas sociais, alimentando a esperança em dias melhores, afirma um dos versos do poema "Passagem da noite" que "o essencial é viver!" (DRUMMOND, 2009, p.). Viver apesar das dificuldades do cotidiano, acreditar em um futuro mais justo e em uma sociedade mais democrática.

Nas análises dos poemas, constatou-se que a preocupação do poeta com as outras pessoas era não deixar que elas desacreditassem na vida. A esperança era a arma para vencerem os tristes dias de tormento e as fatalidades da vida.

6. Considerações finais

Este artigo realizou uma análise do engajamento poético de Drummond em *A rosa do povo* de 1945, por meio da teoria literária que possibilita a comparação entre literatura e sociedade, a teoria sociológica e teses de críticos literários que estabeleceram relações existentes entre a poesia e a sociedade. No decorrer do trabalho, constatou-se que Drummond apresenta um olhar altruísta sobre o próximo, manifesta estima pelo homem sofredor que perdeu quase tudo nos anos ditatoriais e se reconhece nesse homem por compartilhar dos mesmos sentimentos: revolta, angústia e esperança. Esse poeta participou das causas sociais e políticas da época almejando uma sociedade democrática, em que os homens pudessem se expressar livremente e viver em harmonia.

O livro *A rosa do povo* é resultado do contexto histórico vivido pelo Brasil e pelo mundo a partir da década de 1930, momento em que o poeta sentiu necessidade de se engajar em sua realidade, em lutar contra as injustiças sociais, contra as guerras e contra os ditadores que oprimiam os homens. Nessa obra, Drummond critica as injustiças sociais, as guerras, a miséria no país e o descaso com a vida humana, é justamente o homem que desperta preocupação no poeta, o homem sofredor, vítima de uma sociedade horrenda. O poeta olha para esse homem e vê nele um companheiro, um aliado para caminharem juntos na luta contra as injustiças.

As temáticas trabalhadas por Drummond nesse livro não se restringem somente aquele período histórico, ao contrário, são temas que ainda perduram na sociedade, pois atualmente vivemos em um mundo capitalista e consumista, em que as desigualdades sociais e as injustiças são problemas constantes. No Brasil, não temos mais a figura do homem vítima de ditadores, porém temos homens vítimas do consumismo, alienados a ideologias erronias, homens egoístas que prejudicam toda a sociedade em benefício de si mesmo. Esses problemas intensificam-se cada dia mais e estão longe de ter fim, pois a sociedade contemporânea está perdendo a ideologia de um mundo melhor.

7. Referências bibliográficas

ACHCAR, Francisco. **A Rosa do Povo e Claro Enigma:** Carlos Drummond de Andrade – Roteiro de leitura. Ed Ática, 1993. p.17-53.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 42º ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Antologia Poética**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BOSI, Alfredo. Carlos Drummond de Andrade. In: **História concisa da literatura brasileira**. 44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.440-446.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 2ºed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 30. In: **A dimensão da noite e outros ensaios**. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p.55-69.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província:** Drummond e outros Rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Ed. 34, 2011.

PAGANINI, Joseana. Engajamento Poético e Transfiguração**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 10. Brasília, novembro/dezembro de 2000. p.3-35. Disponível em:<http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/1001.PDF> Acessado em: 19/04/2012.

PAZ, Octavio. Os signos em rotação. In: **Signos em Rotação**. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.95-123.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A flor, a vida, a poesia. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 42º ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.